

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo

CAMA DE HOTEL

Sérgio Maggio (Sérgio Luiz Souza Santos)

Deis Elucy Siqueira,

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo
da Universidade de Brasília como requisito parcial para o
obtenção do certificado de especialista em Turismo.

Brasília, DF, maio de 2004

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Centro de Excelência em Turismo

Curso de Especialização em Gestão e Marketing em Turismo

CAMA DE HOTEL

PROSTITUIÇÃO E MEIOS DE HOSPEDAGEM EM BRASÍLIA

Sérgio Maggio (Sérgio Luiz Souza Santos)

Deis Elucy Siqueira,

Orientadora

Doutora

Brasília, DF, 11 de maio de 2004

Agradecimentos:

A gana de ir a campo e cumprir este desafio não se estabeleceria, com tanta intensidade, se não fosse pela orientação da socióloga Deis Siqueira. Desde o momento em que pisou em sala de aula, a professora semeou a paixão da pesquisa. Ao longo desse trabalho, os caminhos apontados pela orientadora balizaram o tom deste trabalho. Depois de concluído, não consigo vê-lo sem essa orientação, que, fico à vontade de rebatizá-la de parceria.

Quero agradecer também a todas as mulheres que colaboraram com a coleta de dados no Setor Hoteleiro Sul. Na pesquisa, elas aparecem com nomes fictícios. Sem os seus depoimentos, esse trabalho seria inviabilizado. Em especial, a Gata e Galega, que se preocuparam com a minha segurança.

Gostaria muito de salientar a importância do apoio recebido pela Associação de Prostitutas da Bahia (Aprosba), que cedeu material informativo sobre sexo seguro e unidades de preservativos; da coordenadora do projeto Redução de Riscos do GDF, Paula Vicença; e do presidente do Sindicato de Bares, Hotéis, Restaurantes e Similares de Brasília, César Gonçalves.

Queria muito ressaltar o apoio de amigos, que me ajudaram a não desistir no meio do caminho. Ao povo de Salvador (Bela, Dumas, Claudinha, Liliane, Marcos Uzel, Marcos Ramalho, Robson) e ao de Brasília (Rodrigo, Fernando, Antônio, Nane, Natal, Nahima, Sérgio Sá, Claudinho, Lourdes, Teca, Sara, Cibeale e Bia). Agradecimentos especiais: Natal Eustáquio pela criteriosa revisão ortográfica; Amaro Junior pela elaboração da arte dos mapas e Itamar pelo apoio logístico.

**Dedico este trabalho a duas mulheres que estão entranhadas à minha alma:
Ester, mãe; e Ingrid, filha.**

“O meu amor é um órgão sexual de rara sensibilidade, que vibraria me fazendo dar gritos atrozes, os gritos de uma ejaculação grandiosa, mas malcheirosa, preso ao dom extasiado que o ser fazia em si mesmo como vítima nua, obscena diante das gargalhadas das prostitutas”

Bataille

Resumo

Este trabalho tem como objetivo mostrar os níveis de relacionamento entre prostituição feminina e meios de hospedagem em Brasília, situados no Setor Hoteleiro Sul. Esta pesquisa foi realizada sobretudo em campo, ou seja, na região de prostituição, com entrevistas diretas e observação participativa. O objetivo era mostrar como se desenvolvia a referida interação e quais seriam os graus de envolvimento mútuos? A pesquisa de campo mostrou que não há impedimento para que a realização do programa sexual aconteça dentro do quarto de hotel, desde que se estabeleça determinados procedimentos, exigidos aos hóspedes e às prostitutas. O hotel se isenta completamente da participação do encontro, mas tem total consciência da sua natureza. Um aspecto significativo que vincula a prostituição aos meios de hospedagem em Brasília é a presença de bar de encontro, na estrutura de um hotel cinco estrelas.

Palavras-chaves: Prostituição. Meios de Hospedagem. Mulher.

Abstract

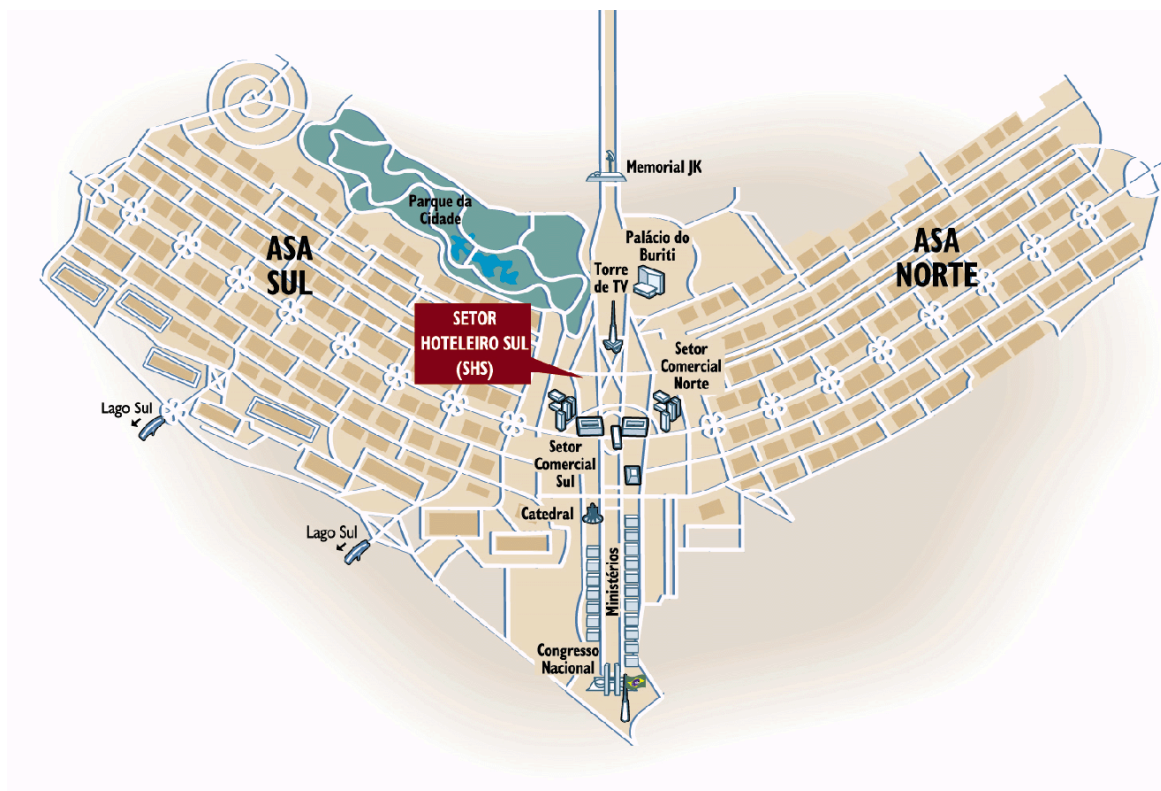
The object of this work is to study relationship between female prostitution and hotels in Setor Hoteleiro Sul of Brasília. This research was carried through in the region of prostitution, with direct interviews. The researcher showed that there is no control of prostitution inside the hotel rooms. The researcher concluded, with determined procedures, that prostitutes and guests interact. A significant aspect that propagates prostitution in the hotels in Brasília is the presence of bar in the lobbies five stars hotels.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – PROSTITUTA ENTRE OS ABISMOS DOS PARADIGMAS.....	8
1.1–Corpo em trabalho.....	8
CAPÍTULO 2 – NA CALÇADA COM AS MENINAS	11
2.1 – Metodologia para a construção do objeto.....	11
2.2 – Geografia da Prostituição em Brasília.....	13
CAPÍTULO 3 – NA COZINHA DA PESQUISA.....	20
3.1 – O diálogo possível com as prostitutas.....	20
CAPÍTULO 4 – LIGAÇÕES PERIGOSAS	23
4.1 – Da rua para dentro do quarto.....	23
CAPÍTULO 5 – ENCONTRO NO LOBBY CINCO ESTRELAS.....	29
5.1 – Programa executivo.....	29
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
ANEXOS – MATERIAL DA APROSBA E DO MINISTÉRIO DA SAÚDE.....	41
GLOSSÁRIO.....	43

Introdução

Quando a noite cai no Setor Hoteleiro Sul (SHS) da capital do Brasil, o movimento nas calçadas e arredores dos meios de hospedagem¹ revela ao turista recém-chegado à cidade que ele está no centro do **comércio do sexo** em Brasília. Mulheres, em sua maioria, integram a paisagem da região. Caminham com desenvoltura entre os hotéis de três e de cinco estrelas, principalmente na área que compreende as quadras 1 e 3, conforme localizada no mapa do Plano Piloto abaixo:



¹Segundo Beni (2003), os meios de hospedagem representam o conjunto de edificações, de instalações e serviços indispensáveis ao desenvolvimento da atividade turística. Compreendem os meios de hospedagem, serviços de alimentação, entretenimento, de agenciamentos, de informações e outros.

A convivência diária entre o **comércio do sexo** e os meios de hospedagem suscitou as primeiras questões que movem essa investigação. De que forma o parque hoteleiro, um dos mais importantes atores da **cadeia produtiva da indústria do turismo**, relaciona-se com a **profissional do sexo** de rua em Brasília? Quais seriam os limites dessa vivência? Em algum momento, os dois “vizinhos” teriam que compartilhar o mesmo cliente: o hóspede. Como se estabeleceria essa convivência, caso esse triângulo (**profissional do sexo**-turista-hotel) se desenvolvesse nas dependências internas dos meios de hospedagem?

Essas inquietações deram o norte desse trabalho que quer, antes de tudo, questionar o papel dos meios de hospedagem sob o ponto de vista da responsabilidade socioeconômica. “Agentes, estudiosos e profissionais do turismo de hoje devem estar conscientes para cada um dos principais impactos positivos ou negativos que a indústria do turismo pode gerar.” (LAGE, 2003, pg. 11)

A análise, no entanto, não se sustenta em dicotomia maniqueísta que coloca os meios de hospedagem e o **comércio do sexo** em campos opostos de valores éticos. Ao contrário, essa pesquisa os considera sob o foco da atividade de trabalho. Por conta disso é que os termos **comércio do sexo** e **profissional do sexo** até agora foram utilizados na apresentação deste trabalho. “Introduzidas na década de 1970, as denominações foram tentativas de setores organizados da sociedade civil e do Estado para ressignificar os conceitos de **prostituição/prostituta**, carregados de estigmas e discriminação.” (TEIXEIRA, 2003, pg.21)

Sem essa orientação, o olhar sobre os homens e as mulheres que regularmente exercem a atividade sexual, mediante o pagamento em dinheiro ou outros valores (DELMANTO, 1991), fica contaminado por análises

moralistas. O professor Thales de Azevedo destaca a importância sociológica dessa nova perspectiva no prefácio de *A Família da Prostituta*.

“A **prostituição** tem sido estudada, entre nós e noutros países, sobretudo como chaga social, um produto da dupla moral sexual machista, uma das modalidades de exploração da mulher e da parte desta como um comportamento desviante, marginal e delinqüente.” (AZEVEDO, apud, BARCELAR, 1982, pg. 08)

As diferenciações dos termos **prostituição/comércio do sexo** e **prostituta/profissional do sexo** foram, portanto, necessárias para estabelecer os rumos da observação do objeto de estudo. Porém, pela usualidade e significado (a carga social que essas tipologias carregam), **prostituição** e **prostituta** entram no escopo desse trabalho com maior intensidade. Por conta disso, essa monografia inclui uma série de vocábulos desconhecidos. Para auxiliar a leitura, está posto, no seu final, um glossário que esclarece a compreensão dos termos.²

Não é objetivo dessa investigação classificar todas as formas de preconceito e opressão sofridas pelos profissionais de sexo em Brasília. Esse estigma (GOFFMAN, 1988), no entanto, é fundamental para nortear a relação com os meios de hospedagens. Avaliar se fomentam ou não a geração de conflitos.

Em meio às formas de **prostituição** praticadas em Brasília, o objeto dessa pesquisa estuda o gênero feminino. Primeiro, porque é a forma mais secular e majoritária de comercialização do sexo. Quando se pensa em **prostituição**, o corpo da mulher se estabelece automaticamente. (TEIXEIRA,

² Todas as palavras que constam desse Glossário estão indicadas em itálico e negrito.

2003, pgs. 36 a 44). Nesse sentido, a **prostituta** sempre foi a representação do perfil ideal feminino formatado pelas instituições sociais.

“A **prostituta** está num outro extremo, marginalizada por comercializar o seu corpo e violar todos os dogmas culturais da essência de ser mulher. Existiam para sustentar a rigidez do mundo masculino e possibilitar aos homens escapes para realização das suas fantasias sexuais, não permitidas com suas castas esposas. Estabelecendo, assim, a dualidade mulher/santa x mulher/puta, reproduzida pela religião como Maria x Eva.” (BRANCA, 1991)

A busca por profissionais do sexo masculino (**michês** e **travestis**) não foi alvo desse estudo. Porque isso implicaria abrir outros caminhos sobre sexualidade dentro da pesquisa. Além disso, a **prostituta** não carrega estereótipos externos tão visíveis como, por exemplo, os **travestis**. E não representa outra via de preconceito da sociedade que é o estabelecimento da relação sexual entre homens.

“Ser **prostituta** não corresponde a uma apresentação externa, identificável. Essa condição pode não colocar em evidência os atributos depreciativos que estigmatizam. Diferentemente de outras categorias estigmatizadas que têm características distintivas imediatamente, que podem se clandestinizar, como os negros e deficientes físicos. O estigma da **prostituta** não é imediatamente percebido.” (GOFFMAN, 1988, pgs. 51 a 61 e 84 -112)

O autor Erving Goffman trabalha a teoria do estigma com duas categorias definidas por *Os desacreditados* e *Os desacreditáveis*. A primeira seria formada pelos indivíduos de características distintivas, como os deficientes físicos. A segunda, pelos de conduta fora do padrão dominante, a exemplo de homossexuais, viciados e **prostitutas**. As duas tipologias não são estanques, uma pode se transformar na outra e vice-versa.

A **prostituta** em Brasília tem relação direta em Brasília com o espaço onde os meios de hospedagem estão inseridos. Essa territorialização está ligada ao meio externo dos hotéis, às ruas e aos bares. Não foram realizadas observações nas dependências internas. A área mais próxima de pesquisa restringiu-se ao *hall* dos hotéis.

O objeto foi ainda mais cercado nessa questão espacial. O Setor Hoteleiro em Brasília, constituído pelo Norte e Sul, foi restringido ao local de maior concentração de **prostitutas**, no caso, o Setor Hoteleiro Sul, quadras de 1 a 3. Foi nesse território que a pesquisa de campo se realizou entre os meses de janeiro e fevereiro de 2004.

A escolha tirou de foco outras **zonas de prostituição** do Plano Piloto, como as tradicionais quadras comerciais 314 e 315 Norte. Ficaram de fora também profissionais do sexo que anunciam em classificados de jornais e oferecem apartamentos como alternativa para o **programa**.

A perspectiva do encontro entre o turista e a **prostituta** só faz sentido nesse trabalho se for traçada para se realizar no quarto de hotel, onde o visitante está hospedado. Esse recorte do objeto é anterior ao trabalho de campo. Foi definido em pesquisa exploratória, realizada entre outubro e dezembro de 2003, na execução do projeto de pesquisa. Assim, não foram alvo de estudo os **programas** em carros, apartamentos e tampouco em motéis -

estabelecimentos concebidos para a concretização de encontros sexuais de toda natureza.

Atividade recente que pode ser pensada a partir de vários campos do conhecimento, o turismo/hospitalidade é área em constante atrito de definições e conceitos, no limiar da transformação de novas perspectivas e de mudança de paradigma (SIQUEIRA, 2003, pgs. 13 a 15). Nesse trabalho, as Ciências Sociais darão o norte conceitual. Exatamente como demonstra a autora Maria Luiza Virtule:

“As Ciências Sociais constituem um ponto de vista importante para pensarmos as atividades do turismo e do lazer no mundo contemporâneo. Pelo olhar das Ciências Sociais, a viagem turística vai além do simples deslocamento de espaço. É um movimento de duplo significado. Além da busca de outros lugares, o turista faz movimento interior – realizado a partir de um esforço intelectual e emocional por parte do viajante, que faz com que ele saia de si mesmo. Esse movimento tem como objetivo conhecer o ‘outro’. A viagem pode ser pensada como uma aventura: a aventura da descoberta do desconhecido, do diferente.” (VITULE, 2003, pgs 17 a 21)

O turista que chega a Brasília é pensado nesse trabalho como sujeito que, além de se deslocar fisicamente para a capital federal, encontra novas motivações para experiências diversas. Sabe-se que a maioria dos viajantes que chega à cidade e utiliza os meios de hospedagem vem em atividades de **turismo de negócios**³. Não há, portanto, caracterização de **turismo sexual** em

³ Informações dadas pela Secretária de Turismo do Governo do Distrito Federal em pesquisa realizada pela Embratur de 2001, que revela a presença de 43% dos turistas de negócios.

Brasília. Não há evidências, em princípio, de que alguém venha para a capital com o objetivo de ter encontro sexual, arquitetado na cidade ou país de origem, como ocorre em várias outras cidades brasileiras. Aqui, a relação sexual é consequência do ato de estar em deslocamento. No livro *Análise Estrutural do Turismo*, o professor Mario Beni faz uma crítica sobre a adoção do termo **turismo sexual**:

“Durante muito tempo, relutamos em incluir esse tipo de turismo por acharmos que, segundo a legislação vigente, são contravenções penais a importunação ofensiva ao pudor e à vadiagem, e crimes de favorecimentos da **prostituição**, a casa e outras edificações de **prostituição**, o **rufianismo** e o tráfico de mulheres. Mas a literatura vem usando essa tipologia e não poderíamos fechar os olhos para ela. Embora não haja muitas fontes de dados disponíveis, sabemos pelos relatos de pesquisadores que essa modalidade de turismo vem crescendo, notadamente no Nordeste.” (BENI, 2003, pg.437)

Longe do **turismo sexual**, a **prostituta** de rua da capital federal se relaciona naturalmente com o sistema turístico da cidade. Ela, que está ali, à porta dos hotéis, oferece ao visitante algo mais que a saudação: “Seja, bem-vindo a Brasília”. Dá ao “hóspede interessado” os prazeres, que podem ser desfrutados sem sair do quarto de hotel. E como será essa mulher que, no novo milênio, caminha entre estigmas seculares e a recente condição de trabalhadora reconhecida pelo Estado? É isso que será discutido no capítulo que se segue.

1 – Prostituta no abismo dos paradigmas

1.1 – Corpo em trabalho

A trabalhadora do sexo, objeto privilegiado dessa pesquisa, está em fase transitória dentro de processo histórico e evolutivo da **prostituição**. Ainda é vista, pela sociedade, sobretudo, como ser insigne, atrelado à marginalidade, à escória, ao que “não deu certo”. Ao mesmo tempo, ela começa a se dar conta e a ser percebida como profissional, que desempenha atividade reconhecida. Esse processo é catalisado pelas organizações de direitos humanos e pela legislação trabalhistas.

Essa ambivalência da **prostituta** do novo milênio é paradoxo para a construção atual de um novo olhar sobre a mulher que comercializa indistintamente seu corpo. Move a formação de um novo paradigma. “Não se pode identificar um novo paradigma científico ou uma nova visão de mundo, mas há, sem dúvida, vários elementos sugestivos do mesmo, ainda que em construção.” (SIQUEIRA, 2003, pg 18)

Encontrar essas pistas é a bússola para caminhar em direção à nova percepção desse fenômeno social e de seus agentes.

“Uma certa produção intelectual, possuindo algumas vertentes com características acadêmicas, muito tem falado de **prostituição**, mas pouco se apresentou acerca das práticas e discursos das próprias **prostitutas**. Ainda acontece que alguns desses trabalhos acabam sendo veículos de expressão e fortalecimento da visão estereotipada que o senso comum tem da categoria **prostituta**” (MORAES, 1990, pg 31.)

A **prostituta** apreendida por esse trabalho é, portanto, a agente transitória ou ator social central dessa mudança. É vista aqui, sobretudo, com o ressignificado dado principalmente pelo viés do exercício livre da atividade como é previsto no Código Penal Brasileiro (DELMANTO). Não é crime vender o corpo em via pública ou espaço privado desde que não se infrinja os artigos 227 a 230 (**lenocínio**), conforme síntese abaixo:

“Manter por conta própria ou de terceiros casa de **prostituição** ou lugar destinados para encontros com fins libidinosos, haja ou não, intuito de lucro ou mediação direta de proprietário ou gerente.” A pena varia de dois a cinco anos de prisão e multa. (229)

“Induzir ou atrair alguém à **prostituição**, facilitá-la ou impedir que alguém a abandone. A pena varia de dois a cinco anos de prisão e multa. (228)”.

“Quem tira proveito da **prostituição** alheia, participa diretamente dos seus lucros ou é sustentado por quem a exerce. Pena de um a quatro anos e multa”.⁴ (230)

A liberdade de ir e vir no exercício da **prostituição** fornece à **profissional do sexo** o *status* de trabalhador como prevê a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério de Trabalho⁵. Assim, o exercício legal de se ocupar um quarto de hotel para a efetivação do **programa** não vai acalantar discussões moralistas. O que se objetiva com esse trabalho é, sobretudo, investigar o posicionamento dos meios de hospedagens diante da

⁴ Todos esses artigos têm penas agravadas com a presença de menores de idade.

⁵ Essa *Classificação* será detalhada no Capítulo 2.

prostituição. Se há ou não consciência da natureza desse encontro nas dependências íntimas dos estabelecimentos? Que postura ética é mantida em relação ao monitoramento dessa atividade que, apesar de legal, necessita ser observada, pois envolve interfaces perigosas, a exemplo do **turismo sexual**, da **prostituição** infantil e do tráfico de drogas?

Só o trabalho de campo apontou respostas para todas questões. Ele sustenta a metodologia desse trabalho conforme será destrinchada no capítulo seguinte.

2 – Na calçada com as “meninas”

2.1 – Metodologia para construção do objeto

A delimitação territorial desse trabalho ao âmbito geográfico do Setor Hoteleiro Sul, quadras de 1 a 3, foi determinada pela concentração de **prostitutas** bem próximas aos hotéis. Elas se situam ao longo da região e, em alguns trechos, fazem ponto em calçada à frente das entradas de alguns dos principais estabelecimentos. Os hóspedes que chegam ao hotel passam, geralmente de carro, pelas profissionais que fazem **programa** livremente.

Meu contato inicial com algumas das **prostitutas** se deu por meio de abordagem direta e entrevistas semidirigidas, boa parte registrada em fitas-cassete, transcritas posteriormente. A identificação de pesquisa veiculada à Universidade de Brasília (UnB) quebrou, em grande parte, a resistência ao diálogo. Essa aproximação foi facilitada pela distribuição de preservativos masculinos e femininos, acompanhados de material de informação sexual produzido pelo Ministério da Saúde e pela Associação de Prostitutas da Bahia (Aprosba) ⁶

⁶ Os panfletos informativos produzidos pelo Ministério da Saúde e pela Aprosba eram direcionados especificamente à **prostituta**. Além de dicas de sexo seguro e de direitos constitucionais, o material dá ênfase à violência de clientes e policiais. Esses informativos também constroem imagem positiva da **prostituta**, tentando elevar a auto-estima e reforçando a imagem de trabalhadora para elaboração de perfil positivo da categoria. Esse material está no Anexo desse trabalho.

Poucas mulheres se negaram a falar. Coincidentemente, essas eram novatas na região. O que demonstra a confiança das profissionais mais experientes nas instituições e órgãos que desenvolvem pesquisas orientadas no campo em Brasília. Nessas entrevistas, todos os nomes citados são fictícios. Foi dado o direito a cada mulher de criar a própria designação, omitindo assim a identidade verdadeira. Mesmo não sendo crime se prostituir no Brasil, muitas dessas mulheres experimentam vida dupla. São mães, filhas, irmãs, amigas e vizinhas que escondem do seu círculo de convivência a atividade sexual. O medo pode ser justificado pelo ponto de vista do estigma proposto por Goffman, que faz com que a **prostituta**, considerada de comportamento divergente, sinta-se pessoa “estragada”, “diminuída” e “desacreditada”. “A vergonha se torna uma possibilidade central que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar como um não-portador dele. (GOFFMAN, pg 17)

O sociólogo Jeferson Barcelar discute a idéia de Goffman em *A Família da Prostituta*: “A formulação estigmatizadora em torno da **prostituição** é uma construção ideológica para explicar a sua inferioridade e mostrar o perigo que ela representa. Significa a racionalização das animosidades baseadas em outras diferenças, tais como o sexo e desigualdades entre os grupos”. (Barcelar, apud, GOFFMAN, pg 11)

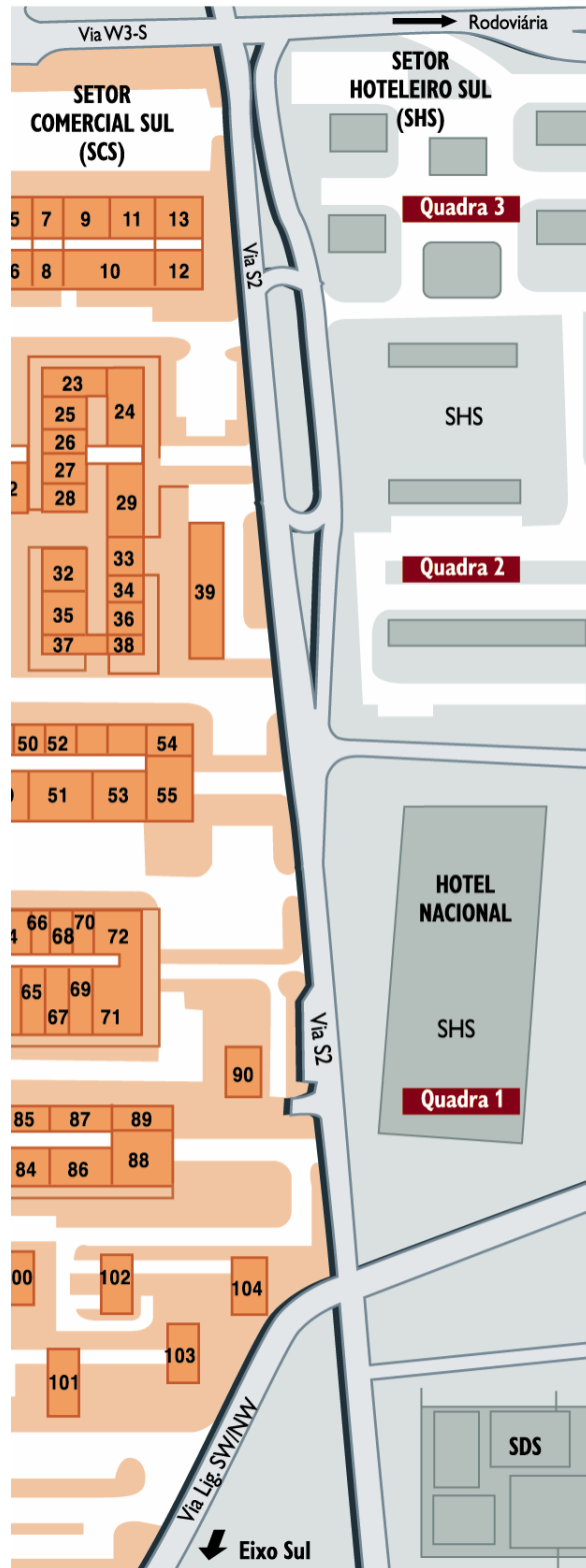
Além das entrevistas formais semidirigidas, foi realizada uma série de entrevistas *não-dirigidas, informais e não-gravadas*. Por meio da observação participante, na qual assumi o papel de “turista hospedado na região” e em busca de **programa** realizado no quarto do hotel. Esses contatos não foram gravados e foram realizados em duas situações: a) como pedestre; b) como motorista, de posse de automóvel supostamente locado na cidade. Nessa fase,

foram abordados não só **prostitutas**, mas também seguranças de hotéis e de bares, motoristas de táxi e clientes que freqüentam a região.

2.2 – Geografia da **prostituição** em Brasília

Para entender melhor a territorialização do objeto escolhido, foi necessário, inicialmente, mapear a atual **prostituição** na capital federal. Excluindo a questão de gênero, as modalidades de prostituições (mulheres, **travestis**, **michês**) obedecem à lógica de setorização que marca o traçado da cidade. Não é comum encontrar **prostitutas**, **michês** e **travestis** dividindo a mesma calçada. Eles estão espacialmente separados em territórios que, em alguns casos, fazem apenas interface um com o outro. O preço do **programa** varia de acordo com esse zoneamento. As mulheres das quadras 314 e 315 Norte, por exemplo, cobram mais do que as do Eixão Norte.

O Setor Hoteleiro Sul é singular para entender essa setorização da cidade. Faz divisa com o Setor Comercial Sul e o Setor de Diversões Sul (Conic) – conforme mapa na página seguinte. Nele, concentram-se atualmente só mulheres. **Travestis** costumam passar por ali, mas rumo ao Setor Comercial Sul. Garotos de programa também caminham, mas em direção ao Conic. Entre as quadras 1 e 3, a própria distribuição das mulheres segue orientação uniforme. Na calçada da quadra 2, onde fica hotel cinco estrelas, fazem **ponto** mulheres jovens e articuladas, com desenvoltura para vários tipos de conversa, que não só a marcação do **programa**. O local é bem iluminado, de forma que as **prostitutas** se mostram com exuberância aos potenciais clientes.



Na interface com o Setor Comercial Sul, quadras 2 e 1, não existe padrão quanto a faixa etária e aparência física. No outro extremo, quadra 1, que margeia o Eixo Monumental, concentram-se as **prostitutas** mais experientes. Os grupos que responderam com mais contundência às questões foram em ordem: o da calçada da quadra 2; o do Eixo Monumental e o da interface com o Setor Comercial Sul.

*A coordenadora do Programa de Redução de Danos do GDF, Paula Vicença, observa, em entrevista dirigida, que os perfis das **prostitutas** de Brasília variam de acordo com o **ponto** de trabalho. Referindo-se ao Plano Piloto, afirma: “As mulheres do Plano têm uma coisa de diferente. Apresentam uma melhor condição do **ponto** de vista social e cultural, são mais comprometidas. Essa melhoria de condição se acentua no Setor Hoteleiro Sul, desde o nível de escolaridade à apresentação visual.”⁷*

Outro dado importante observado por Paula Vicença foi a rotatividade dessas mulheres nas áreas pulverizadas do Plano Piloto. A coordenadora, no entanto, não tem dados de pesquisa para apontar as causas dessa migração. “Acho que tem a ver com a relação da ruas, os conflitos com elas e outros agentes. Tudo que gera uma dificuldade da rua faz com que ela não permaneça mais naquele ponto e mude de local.”

Esse zoneamento da prostituição em Brasília tem característica interessante: os profissionais do sexo não estão confinados em espaço limitado à circulação de **prostitutas** e de clientes, como nos tradicionais bolsões de

⁷ O Programa de Redução de Danos não tem as **prostitutas** como objeto direto. Visa difundir a prevenção entre os usuários de drogas injetáveis. As **prostitutas**, no entanto, além de algumas fazerem uso dessa modalidade do uso de drogas, convivem com grande quantidade de clientes, que faz o uso dos injetáveis. Por conta disso, o programa tem forte convivência com o grupo em questão. Faz oficinas de sexo seguro, ensina as mulheres quais os locais menos perigosos para a execução do pico, distribui kits com camisinha e seringas descartáveis, além de material informativo. Quer transformar a **prostituta** em multiplicadora da ação preventiva.

prostituição das grandes cidades. Ao contrário, essas áreas são abertas e mantêm contato com vários grupos de convivência. Nas quadras comerciais da 314 e 315 Norte, **ponto** que surgiu a partir da instalação/fechamento da boate Queen's, a comunidade das comerciais e das residenciais fica diariamente frente a frente com as profissionais do sexo. Esse, aliás, é um dos motivos de tensão entre os grupos, conforme abordado por Marlene Teixeira Rodrigues na tese de doutorado *Polícia e Prostituição Feminina em Brasília*.⁸

Essa circulação diversa também se verifica no Setor Hoteleiro Sul, onde nem todo turista hospedado quer fazer **programa** sexual. O não-confinamento desse espaço dá “liberdade” às profissionais do sexo à medida que não é exercido controle espacial sobre essa categoria. A socióloga Aparecida Fonseca Moraes, no livro *Mulheres da Vila*, ressalta a importância da caracterização do espaço no cotidiano das **prostitutas** da Vila Mimosa (Rio de Janeiro). Esse aspecto ganha maior relevância quando se reconhece que a **prostituição** não compõe um cenário em sentido restrito.

“Juntos aos vínculos comerciais que se estabelecem, encontram-se outras redes de convivência nas quais também se baseia a sociabilidade. Relações de vizinhança, de coleguismos e de interesses comerciais e profissionais interpenetram-se inesgotavelmente. A organização do espaço e as suas apresentações assinalam significativamente esse hibridismo social.”
(MORAES, idem)

O presidente da Associação de Bares, Hotéis, Restaurantes e Similares de Brasília, César Gonçalves, defende, em entrevista dirigida, a criação de

⁸ Toda a tese de Teixeira baseia-se na intermediação da polícia a partir da ação da Delegacia de Costumes do Distrito Federal.

espaço que concentre as formas de prostituição em Brasília. “Se for estabelecida essa área, haverá controle melhor da presença de menores, do uso de drogas, da prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs). A concentração, ao contrário que os puristas imaginam, não é prejudicial, não é estimuladora à **prostituição** desenfreada. A **prostituição** infantil prospera porque não se pode controlá-la”.

O representante dos meios de hospedagem defende o que Michel Foucault chama de “imposição de disciplina”, que distribui indivíduos no espaço (MORAES, apud, FOUCAULT, pgs 130 a 136). É sobre essa teoria que a autora constrói, em *Mulheres da Vila*, a análise sobre “a segregação a que fica submetida às **zonas de prostituições**”.

“Muitas vezes esta disciplina exige uma cerca que inclui a idéia de isolar para localizar, estabelecendo as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar.” (MORAES, apud, FOUCAULT, pg 95)

Além desse aspecto de vigília e controle, a autora de *Mulheres da Vila* lembra que Foucault acentua a criação do chamado “espaço útil”, que auxilia a manutenção da ordem conjugal, já que essas áreas segregadas de **prostituição** não subvertem as relações sexuais estabelecidas.

Outro ponto de discussão que a proposta do representante do Sindicato dos Bares, Hotéis, Restaurantes e Similares suscita é de ordem legal, conforme previsto no Código Penal (DELMANTO, idem). Nesse sentido, a Associação

das Prostitutas da Bahia (Aprosba) é categórica na orientação dos direitos à categoria.

“No Brasil, a **prostituição** não é crime. Ela pode ser praticada em qualquer esquina, pois a Constituição (artigo 5º) garante a toda cidadã e cidadão o direito de ir e vir ou permanecer onde bem quiser, desde que não esteja perturbando a ordem. Além disso, a nossa atividade é reconhecida como ocupação pelo Ministério do Trabalho”⁹

⁹ O texto acima foi retirado da *Cartilha da cidadania*, produzida pela Aprosba.

A Classificação Brasileira de Ocupações reforça a ocupação livre e diversa dos profissionais do sexo que **batalham programas** sexuais em locais privados, vias públicas e garimpos, atendem e acompanham clientes homens e mulheres, de orientações sexuais diversas; administram orçamentos individuais e familiares; promovem a organização da categoria. (BRASIL. 2002)

A socióloga Marlene Teixeira Rodrigues destaca a importância da Classificação Brasileira de Ocupações no processo de inclusão social da **profissional do sexo**:

“O reconhecimento por parte do Ministério do Trabalho do Brasil dos profissionais do sexo como trabalhadores, além de inovador em se tratando do modelo tradicionalmente adotado no país para o enfrentamento da questão da **prostituição**, mostra-se de grande relevância no processo onde se busca romper com a exclusão e garantir a cidadania para os profissionais do sexo.” (TEIXEIRA, pg 170)

Foi nesse convívio que, ao pesquisar o objeto de estudo, pude perceber um pouco do clima de convívio entre as profissionais do sexo do Setor Hoteleiro Sul. Em um mesmo espaço, elas são competitivas e se dividem espacialmente em território demarcado, como demonstrado a seguir.

3 – Na cozinha da pesquisa

3.1 – O diálogo possível com as *prostitutas*

A grande questão que orientou o primeiro contato com as *prostitutas* foi saber até que ponto essas mulheres, expostas a uma série de conflitos e violências (TEIXEIRA, Idem), responderiam à abordagem, que tocava em questão delicada. Nessa fase, só algumas hipóteses indicavam como se construía o relacionamento dessas profissionais com os meios de hospedagens. Para contornar esse impacto e estabelecer elo de empatia, foram levadas informações sobre sexo seguro (panfletos e preservativos) ao local da entrevista, como já informado anteriormente.¹⁰

Foram encontradas mulheres que estavam com um dia de trabalho e profissionais com dez anos de experiência. Essa coleta de dados foi, portanto, recheada de conversas informais e situações inusitadas (MEDINA, 1993). Em uma delas, revelou-se o pavor de Marlene, mineira com apenas três dias na noite de Brasília, de ocupar a área do Setor Hoteleiro Sul. “Disseram que tenho que dar R\$ 10,00 a Flavinha, *travesti* que é a dona desta rua. Só fica aqui quem pagar por mês a ela. Dizem que é valente e escorraça a mau pagadora.” Durante toda a pesquisa, por curiosidade, a existência de Flavinha foi procurada. As *prostitutas* e alguns *travestis* negaram a sua existência. “Pregaram uma *peça* nessa otária”, apostou Pamela, três anos de praça.

No primeiro momento, andar por alguns trechos do Setor Hoteleiro Sul era realmente experiência temerosa, sobretudo para quem sempre viu a região na perspectiva dos automóveis. O convívio com as *prostitutas*, no entanto, afugentou o medo. Em determinado dia, em área mais central do SHS, Galega foi enfática: “Evite ir por esse caminho, que tem uns *vagabundos* que gostam de

¹⁰ Um elemento importante e integrador foi o adoção de cigarros durante as abordagens. Apesar de não ser fumante, o uso foi providencial para quebrar resistências formais.

puxar a carteira de quem passa". A **prostituição** está tão atrelada às calçadas daquela região que quem anda, a partir de determinada hora, é visto como um quase certo **profissional do sexo**.¹¹

A dificuldade para a execução das entrevistas foi surpreendente: é grande a quantidade de carros que passam buzinando e convidando para o "acerto do **programa**". Apesar de informadas de que poderiam interromper o diálogo a fim de ir ao encontro do cliente, as mulheres não aceitaram paralisar a entrevista.¹²

Quase sempre localizadas no ponto em duplas, as **prostitutas** revelaram poucos conflitos com os **michês e travestis** que transitam pelo Setor Hoteleiro Sul, antes de partir para seus pontos.¹³ "Eles defendem a gente de muita coisa. Já botaram malandro para correr", segredou Gata. A concorrência com as mulheres, no entanto, foi mais evidente. "Se a garota chegar aqui e for abusadinha, a gente põe ela para correr", emendou Galega.

A queixa mais recorrente foi a do preço insatisfatório do **programa**. Samanta foi categórica: "Tem mulher que não se valoriza, antes dar de graça do que cobrar R\$ 30,00. Comigo é R\$ 70,00 e sem anal." Essa questão do sexo anal, aliás, parece ser chave para conseguir **programas** mais caros. Boa parte das mulheres abordadas diz não fazer. Quem topa a modalidade a utiliza para negociar preço mais alto do programa.¹⁴

¹¹ Em duas ocasiões, carros buzinaaram para mim a fim de abordagem.

¹² Essa intensidade de carros foi mais bem percebida durante a decupagem das fitas, a quantidade de buzinas é intensa.

¹³ Eles atuam em territórios diferentes e supostamente disputam outra clientela.

¹⁴ Durante as entrevistas, alguns mulheres pediram, além da camisinha, sachê de lubrificante, utilizado para facilitar a penetração do pênis no ânus, região que não possui lubrificação natural como a vagina.

No papel do personagem o “turista-cliente”, as revelações sobre detalhes dos **programas** ficaram mais evidentes. Uma percepção animadora foi a de que boa parte das mulheres tinha preservativo masculino na bolsa. Sem preservativo, a maioria diz topar, “apenas”, fazer sexo oral desde que não haja ejaculação direta na boca.

Durante o período de pesquisa, não houve batida policial na região. Mas a polícia é personagem presente nas histórias cotidianas. “Tem *cara* que aprontou com tudo que é mulher daqui. Estuprou algumas e era policial”, conta Gata. Também não foi testemunhado nenhum bate-boca entre **prostitutas**. Certa noite, três delas xingavam um cliente, que respondia aos gritos: “Aidéticas”. “Ele é um *descarado* que já deu calote em muita mulher e ninguém aceita fazer **programa** com esse *filha da puta*”, desabafou Sandra.

O medo em relação ao cliente, aliás, é outro sentimento presente nas entrelinhas da pesquisa. A depender do primeiro contato, há mulheres que nem entram no carro. “Desisto, sempre que vejo que está bêbado ou drogado”, afirmou Keila. “O perigo é o cliente. A gente nunca sabe. Já pulei do carro num sinal porque desconfiei de um”, revelou Mariana.

Foram entre essas conversas que as profissionais do sexo de Brasília revelaram como, por algumas horas, tornam-se hóspedes de hotéis de três a cinco estrelas em Brasília. Esses depoimentos, que compõem o resultado dessa pesquisa, estão apontados nos dois capítulos seguintes.

4 – Ligações perigosas

4.1 – Da rua para dentro do quarto

Os primeiros dias em trabalho de campo no Setor Hoteleiro Sul revelaram de imediato que a principal demanda de clientes das **prostitutas** não é formada por turistas, apesar da localização ou ligação territorial. “A maioria dos clientes é de Brasília”, confirmou Mariana. “É tudo carro com placa de Brasília, gente conhecida, que volta duas, três vezes. De fora, só os carros das embaixadas”, completou Gata. “Gosto muito dos *caras* de hotéis, mas nem sempre *pintam*. Agora, nestes meses de verão, não apareceu nenhum. Janeiro é ruim para os hotéis”, observou Daniele.

Apesar da menor quantidade, o turista, no entanto, é cliente reconhecido pela “qualidade”. Geralmente, é visto pelas profissionais como a possibilidade de **programas** mais caros e seguros. “Quando vejo que o cara é *bacana*, cobro mais”, revelou Gisele. “Pegar um turista é o filé da noite”, acrescentou Tânia. Essa situação, de alguma forma, reproduz a relação de exploração que acontece em cidades turísticas, onde a população local não é educada para a importância da hospitalidade como forma de causar boa impressão ao turista. Desenvolve, então, esquema predatório com o visitante. O raciocínio é o seguinte: quanto mais dinheiro arrancar de uma só vez, melhor”.

“Nas comunidades estáveis, também pode ocorrer outro tipo de colonização: a dos hábitos, dos costumes e do estilo de vida. Uma colonização infelizmente aceita e assimilada com frequência, incentivado com ânimo do lucro pelos mesmos membros da comunidade **autócne**; o hedonismo, o engano, a vida de pura aparência, o hábito de ganhar e gastar facial constituem poderosa influência que vai erodindo valores verdadeiramente importantes do povo.” (BENIN, *idem*, pgs 85 a 87)

Cliente desejado, o turista usa de duas formas para se aproximar das mulheres que “**batalham**” nas portarias dos hotéis¹⁵. Abordagem direta (“Eles descem, dão uma rodada, escolhem e pronto”, simplificou Jeane); abordagem indireta: (“Eles mandam os mensageiros ou taxistas descerem para chamar a gente”, contou Suzana).

No período de pesquisa, não foi testemunhada aproximação de funcionários uniformizados dos hotéis com as profissionais do sexo. A investigação dessa informação só seria possível se o cliente-turista fosse alvo desse trabalho. Ou se parte da observação fosse realizada do lado de dentro do hotel. Essa ligação entre empregados de hotéis e profissionais do sexo, no entanto, já foi episódio de polícia no Distrito Federal.

O caso, pesquisado e relatado por Marlene Teixeira Rodrigues, envolveu duas mulheres que, com ajuda de mensageiros e taxistas, mantinham rede de **prostituição**, distribuindo 12 garotas de **programa** (dentre elas, algumas menores de 18 anos e maiores de 14) nos hotéis da cidade.

“A recorrente Lívia se responsabilizava pelo gerenciamento das garotas e do apartamento, cobrando além do determinado valor pelo aluguel da vaga, o percentual de 50% do dinheiro arrecadado em cada **programa** sexual agendado para as vítimas. Tal percentagem era repassada à ré e aos mensageiros dos hotéis.” (TEIXEIRA. Idem, pg 312)

¹⁵ Essas duas formas estão relacionadas às mulheres que trabalham naquela região. O turista também pode escolher as mulheres por anúncios publicados em classificados de jornais ou em bares e boates de encontros.

O que chamou a atenção de Teixeira é que somente as mulheres foram condenadas na ação. Os mensageiros dos hotéis, que tinham lucro com a atividade, foram mantidos alheios do processo. Nas entrevistas que realizou na Delegacia de Costumes, a pesquisadora percebeu uma certa preocupação em ocultar o nome do hotel envolvido.

“O comentário sobre o ‘nome do hotel’ me fez reportar à influência da inserção sociopolítica de muitos dos proprietários desses estabelecimentos, na preocupação revelada. Isto porque, como é de conhecimento público em Brasília, vários hotéis, de três a cinco estrelas da cidade, são de propriedade de políticos com representação no Congresso Nacional ou de empresários estreitamente articulados a eles. Fato esse que dava uma dimensão exata com a preocupação com o nome e que melhor dimensionava a inaccessibilidade da polícia da Capital a esses estabelecimentos e o processo de invisibilização da **prostituição** de alta renda ocorrida em seu interior.” (TEIXEIRA, idem pg 312 a 314))

Da portaria para fora, constatou-se que o acesso da **prostituta** para o interior do hotel depende do porte de documentação e do pagamento de tarifa de ocupação do quarto de quem a convida. “Não há impedimentos com os hotéis. Nenhum cria dificuldade, basta se identificar na entrada. O cliente tem apenas que pagar uma taxa”, reforçou Suzana.

O procedimento descrito por Suzana se repetiu nas declarações da maioria das mulheres entrevistadas. Apenas as novatas, com poucos dias na região, desconheciam os mecanismos para subir aos quartos. “Não sei o esquema dos hotéis, não sei nada. Só tenho três dias aqui”, adiantou Sara.

Extremamente fiel, o procedimento foi repetido e, às vezes, ganhava acréscimo de informações: “Tem hotel em que já tenho ficha e subo sem problemas”, contou Nádia. “Às vezes, eles barram por causa da roupa”, acrescentou Sabrina. “Tem que ter boa apresentação”, confirmou Daniele.

O impedimento, apontado como o principal, é mesmo o porte do documento. “Tem que ser a identidade. Uma vez não deixaram eu subir porque estava com a carteira de trabalho”, acrescentou Daniele.¹⁶ A taxa cobrada pelos hotéis, segundo a maioria das entrevistadas, varia entre R\$ 25,00 e R\$ 35,00. Não entra no valor do **programa** e é paga “por fora” pelo cliente.

Daniele foi a única entrevistada que assumiu postura crítica em relação aos procedimentos dos hotéis. Ela apontou a cobrança da taxa como exploração indireta da **prostituição**. “Se um amigo ou uma amiga for visitar o *cara*, eles não iriam cobrar nada. Eles estão ganhando em cima da gente, e ninguém faz nada”, contestou. Em média, uma **profissional do sexo** fica uma hora no **programa**. No caso do Setor Hoteleiro Sul, o preço do programa varia entre R\$ 60,00 e R\$ 100,00.

O presidente do Sindicato dos Bares, Hotéis, Restaurantes e Similares do Distrito Federal, César Gonçalves, é enfático ao esclarecer que o hóspede está submetido ao sistema tarifário do hotel:

“Se você chega acompanhado no hotel, você tem o direito de subir com seu acompanhante, a não ser que tenha algum motivo aparente para barrá-lo. Só que você tem que pagar o diferencial de hospedagem *single* e duplo. Essa diferença é independentemente do tempo. Se você põe duas ou três pessoas, vai pagar a diferença. Não

¹⁶ A carteira de identidade, além de ter a fotografia, é documento considerado mais seguro e difícil de ser falsificado.

importa se é uma hora, 12 horas ou 24 horas. **Motel** é que tem tarifa por hora. Isso não tem nada a ver com **programa**, tem a ver com hospedagem. Vincular isso a um esquema de **prostituição** é unilateral.”

Do ponto de vista jurídico, não há nenhuma ilegalidade nesse procedimento de tarifação, uma vez que o hotel não lucra diretamente com o encontro sexual. Só que o dono do hotel sabe exatamente a natureza dessa ocupação extra. “Os funcionários, principalmente as mulheres, ficam de ‘rabo de olho’ para gente. Não ‘tô’ nem aí. É tudo hipocrisia, muitas daquelas garotas ‘dão’ na mesma intensidade só que não cobram”, comparou Nádia.

A questão colocada é que, ao ter consciência da natureza do encontro, o hotel se confunde em seu papel dentro do Sistema de Turismo, que é sistema aberto, realiza trocas com o meio que o circunda. Por extensão, é interdependente, nunca auto-suficiente (BENIN, idem, 51). Esse planejamento é integrado em todos os seus subsistemas econômico, social, cultural. (Amaral, 2003, pgs 20 a 25)

“Considerando a sustentabilidade do turismo, não se podem omitir nos planejamentos os aspectos ético-políticos, pois, para um processo democrático e participativo do turismo, os habitantes dos centros receptores devem se tornar parceiros dos governos, participando das ações para o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, fiscalizando gestores e legisladores. No aspecto social, a prioridade estratégica do planejamento é incluir e integrar os excluídos.” (Amaral, idem, ibidem)

No depoimento de César Gonçalves, presidente do Sindicato de Bares, Hotéis, Restaurantes e Similares, o conflito entre o papel dos meios de

hospedagem no Sistur é evidente. Ao mesmo tempo em que difere “hotel” do conceito de “**motel**” pelo aspecto tarifário, ele aproxima essas terminologias à medida que tem consciência da tarifa nos hotéis não esconde a natureza sexual da visita. Afinal no instante em que a **profissional do sexo** sobe para o quarto, ela consome o encontro fortuito que não tem como finalidade fixar-se temporariamente na cidade, como é o que rege o conceito clássico de hotel. Em caso de alta rotatividade dessa prática, desconfigurando assim seu papel, o estabelecimento pode ser enquadrado no artigo 229 do Código Penal, que, independentemente de lucro, condena quem facilita o encontro da **prostituição**.

Essa questão do hotel e de **motel** levanta outro aspecto, que essa pesquisa provavelmente não irá responder¹⁷, mas sugere algumas hipóteses: Por que o turista em Brasília faz do hotel o principal local de encontro sexual? O presidente do Sindicato dos Bares, Hotéis, Restaurantes e Similares acredita que ele não quer sofrer duas tarifações. Ele já está no hotel, conseqüentemente, faria seu **programa** naquelas instalações. Poucas garotas se arriscaram a responder à pergunta. Uma hipótese a ser investigada é a distribuição espacial de Brasília, com a concentração de motéis distante do Plano Piloto e quase desconhecida para quem chega à cidade. Sem a mobilidade do carro, que segundo as **prostitutas** da região é o local de maior incidência dos **programas**, a perspectiva do turista para a concretização do programa recai-se no meio de hospedagem. A relação espacial de Brasília com a **prostituição** e a territorialização dos profissionais do sexo nas **zonas** pedem novas investigações.

Na área física desse trabalho, o campo reservou uma surpresa que entrelaça os meios de hospedagem em Brasília com a prostituição. Com o turista quase à porta do lobby de um cinco estrelas, bar coloca clientes de frente a garotas de luxo, conforme descrição em capítulo seguinte.

¹⁷ O turista-cliente não é objeto de pesquisa direta deste trabalho.

5 – No lobby cinco estrelas do Setor Hoteleiro Sul

5.1 – Programa executivo

Desde que foi iniciada a pesquisa de campo, um **bar de encontro** passou a ser citado entre as entrevistadas. Ele se localizaria no *lobby* de um hotel cinco estrelas, onde mulheres fariam **ponto** nesse estabelecimento. Quem transita pela região sabe exatamente a natureza do estabelecimento e o público que freqüenta. Taxistas, seguranças de hotéis e garçons de restaurante da circunvizinhança indicaram o local como o “melhor” para encontrar “belas moças”. “É boate de *bacana*, tem que ir com grana”, avisou um motorista de táxi. Por conta disso, decidi que o local deveria ser investigado.

A pesquisa neste local se desenvolveu de forma participativa. O caminho para o bar, que está abrigado na dependência física do hotel, é facilmente indicado por mensageiros, taxistas e até empregados de outros estabelecimentos. À porta do estabelecimento, um segurança explicou claramente o esquema de funcionamento da casa. “São R\$ 50,00 de consumo e R\$ 10,00 de *couvert*. O acerto do **programa** com as garotas é por sua conta. Se ela quiser, *dá* de graça. A casa não tem nada a ver com isso. O cliente negocia o preço do **programa**.”

Eram quase 21:00 horas de uma quinta-feira. Só havia uma mesa desocupada. As demais, não mais que uma dúzia, estavam cheias principalmente por homens. Em poucas, havia mulheres sentadas. Elas estavam agrupadas ao longo do grande balcão que divide o bar do salão. Conversavam e bebiam animadamente, apresentavam certa intimidade, com bate-papos ao pé-de-ouvido.

O trabalho de observação foi feito à mesa, a última disponível, em posição paralela e próxima ao balcão do bar, com visão total de todo o espaço.

A quantidade de mulheres era muito superior à de homens. Foi impossível dimensioná-la, pois o fluxo de entrada aumenta a cada minuto. Quase uma hora depois da ocupação da mesa, eu não havia sofrido nenhuma abordagem. As profissionais do sexo tinham semelhantes condutas de comportamento. Uma delas, significativa, era não ser ostensiva com os clientes. Nas mesas, em que os homens conversavam animadamente entre si, elas não se aproximavam. No máximo, rondavam, passavam entre os clientes sempre com olhares de soslaio à espera de um sinal. Outro comportamento observado foi a existência de certo esquema de “aproximação em cadeia”. A garota que estava à mesa, com um dos clientes, fazia ponte para que outras se aproximassem e formassem pares com os outros homens.

Nas mesas, não havia excessos. Os casais gradativamente conversavam e aumentavam a intimidade aos poucos. Afagos, beijos, carícias com as mãos, nada mais foi testemunhado nas cinco horas de observação. Houve homens que entraram e saíram sem fazer nenhum contato com as mulheres, uma minoria. Outros se sentaram à mesa com mulheres e saíram sozinhos. Boa parte, no entanto, saiu acompanhado.

As **prostitutas** que atuavam no bar eram brancas e morenas, jovens, magras e bem vestidas. Não havia excessos com o vestuário. As mais ousadas estavam de *top* (ou *bustié*) e calça comprida. A elegância era um dos pontos comuns entre as profissionais do sexo. Boa parte usava vestidos com decotes sinuosos, mas nunca vulgares. Como foi observado, não havia negras. No máximo, uma mestiça, com traços de índio. Já os homens, em sua maioria, estavam de paletó e gravata.

A primeira abordagem, com relação a mim, aconteceu uma hora e meia depois da ocupação da mesa. Para ela surgir naturalmente, foi necessário colocar à mesa uma carteira de cigarros. Depois de pedir um cigarro, a garota identificou-se como Estela, vinda de Goiânia. Sentou-se, não fez nenhum

pedido de bebida e esperou que lhe fosse oferecido um copo de cerveja. “Você está em que hotel? Vai passar quanto tempo em Brasília?” . As primeiras perguntas de Estela revelavam que a frequência esperada era mesma a de turistas. “Quase todo mundo aqui é de fora. Vem uns *caras* que trabalham no Congresso, mas a maioria desce mesmo é dos hotéis”, confirmou.

Estela vem duas vezes por semana ao bar, diz ter pouco tempo na atividade (“pouco mais de um mês) e lamenta estar na **prostituição**. “Não tem emprego decente em Goiânia”. Mas prefere estar em um bar com meninas selecionadas do que na rua com “qualquer uma. “Essas mulheres fazem **programa** por pouco dinheiro”, condena.

Gradativamente, revela o funcionamento interno do estabelecimento. “Cada garota aqui paga R\$ 40,00 de consumação. É caro, mas tudo é caro em Brasília”, justificou. Caro também é o preço inicial do **programa**. “Trezentos reais, duas horas e meia. Tem que ser com camisinha e sem sexo anal”. A negociação para baixar o preço do programa chegou a R\$ 200,00. O hotel foi o local sugerido imediatamente. “Você tem só que pagar uma taxa boba”.

Ao perceber que a consumação do **programa** não iria acontecer por falta de dinheiro, Estela sugeriu: “Tem um amigo meu taxista que leva a gente num caixa 24 horas. Como ele é *corrente*, vai te cobrar a metade da corrida”. À medida que as dificuldades para o acerto do programa iam se sucedendo, Estela mostrou-se impaciente. “Achei você muito legal, queria pegar o seu celular e a gente poderia marcar algo de dia. Cobro mais barato”, revelou antes de se despedir.

O som ambiente, que tocava jazz, blues e bossa nova, foi substituído por música ao vivo na linha tradicional da Música Popular Brasileira, típica de barzinho, quando Clara, depois de passar várias vezes ao redor da mesa, aceitou o convite para sentar. Não quis beber nem comer (havia porção de

minipastéis). Também dizia ser de Goiânia e tinha estilo visual mais diferenciado do que a maioria. “Gosto de ser alternativa, acho que a roupa fala muito da personalidade da gente. Você, por exemplo, tem *pinta* de advogado.” O bate-papo variado correu e, em nenhum momento, Clara sugeriu o programa.

Antes do hipotético acerto do programa, ela revelou outras facetas do bar. “Aqui, todas as garotas são selecionadas pela casa. Não entra qualquer uma”, revela. Clara confirmou que não repassa nada ao dono do estabelecimento. “Tenho que pagar os R\$ 40,00 e já acho muito”, reclamou.

Clara cobrou os mesmos R\$ 300,00 e chegou a R\$ 250,00. Seria no quarto do hotel por uma hora. Da mesma forma que Estela, Clara se mostrou entediada assim que percebeu que o programa não seria fechado. “Vou te entregar meu celular. Se for de dia, *morre* em *dois-ponto-zero* (R\$200,00)”.

Perto da meia-noite, o bar esvaziou-se em velocidade rápida. Muitas garotas “terminaram a noite”, pelo menos naquele estabelecimento, sem fechar o programa. Um cliente se aproximou, turista de São Paulo, e deu uma dica “solidária”: “Elas são lindas, mas um taxista me levou para a Asa Norte (314 e 315 Norte) e lá tem **quengas** tão gostosas como essas e cobram uma *merreca*”.

O bar visitado é associado ao Sindicato dos Bares, Hotéis, Restaurantes e Similares de Brasília. Quem revela é o seu presidente César Gonçalves. Ele conta de imediato que o dono do hotel, também associado, tem ação na Justiça contra o bar por conta da frequência. Segundo a entidade, o associado não infringe nenhuma lei, já que não participa do negócio feito entre garotas e clientes. (DELMANTO, *idem*)

“Não estamos falando de **prostituição** e sim, de nicho de mercado”, argumenta César Gonçalves. O raciocínio do Sindicato é simples. O bar se

especializou no ramo. “Assim como existem bares GLS. Isso não quer dizer que o dono seja GLS”. Ele rechaça veementemente a possibilidade de o bar ser classificado de **prostituição**. “Se fosse, estaria fora do Sindicato. O **ponto** de **prostituição** intermedia negócios entre o cliente e a **prostituta**, é o papel do cafetão, da cafetina. Quer uma **prostituta**? Eu consigo e ganho um percentual. Isso é atividade ilegal, não é bar.”

Na visão patronal, o bar e seu público estão separados. “As negociações são entre pessoas. A atividade sexual dos clientes nada tem a ver com o dono. O que ele faz é selecionar bem o público, buscar a qualidade do cliente em mercado perigoso. Você tem que pagar ‘x’ pelo franqueamento do consumo. Porque se ele não estabelece algumas regras, vira **zona** de **baixo meretrício**.”

Apesar do não-envolvimento nos lucros do programa, a aproximação do bar em questão é de favorecimento da **prostituição** (artigo 229 do Código Penal). O estabelecimento facilita os encontros afetivos, a partir do momento em que seleciona mulheres para freqüentá-lo e as localiza no espaço, onde o cliente sabe que vai poder negociar livremente o programa. Isso está previsto no Código Penal¹⁸

“Os pontos de encontro vão estar ali ou em qualquer outro lugar. A **prostituição** existe há 3.000 anos, nada é novo. Não tem o bar, qual é a solução? Significa que vai não ter a **prostituição**? Veja o caso do Setor de Motéis: As **prostitutas** fazem **ponto** na via, como controlar a **prostituição** infantil ali? Se você pensar no ponto de vista social, em bar com critérios, menor não entra”, contrapõe César Gonçalves.

¹⁸ Delmanto, C. Idem. Ibidem.

O presidente do Sindicato defende a existência de espaços privados, onde ocorreriam os encontros. Acredita que a **prostituição** de rua aumentou em decorrência do fechamento de várias casas:

“Há um caça-bruxas às boates que reúnem esse tipo de atividade. Na Asa Norte, tinha a Queen’s. O governo fechou essa casa e me perguntaram: ‘E agora?’ Agora, elas vão fazer **ponto** na rua. Passou um tempo, a comunidade ficou implorando para tirar as **prostitutas**. Mas não é proibido e tem demanda. Tem uma lei no mercado que ninguém consegue mexer: a da oferta e da procura. Quer mudar a **prostituição**, tem que mudar o valor cultural, trabalhar os princípios e valores do cliente para diminuir a demanda. Se você não vai atuar nessa linha, vai trabalhar na linha de efeitos. A questão não é: ter ou não ter bar? E, sim, se tem ou não oferta e procura.”

César Gonçalves admite que a presença do bar é prejudicial ao turismo local. “Existem três coisas que fazem o negócio dar certo: o ponto, o ponto e o ponto. Você já identificou um nicho que vai trabalhar: bar próximo ao hotel, nicho hóspede/visitante. O visitante quer? Um visitante cujo perfil for de princípios rígidos religiosos, com certeza, não vai entrar ali. O hotel briga com o bar porque não quer a vinculação com a **prostituição**.”

O grupo receptor de turismo, aquele que é formado pela comunidade estável da cidade, “sofre muitas vezes uma autêntica colonização e econômica e é encarado como brinquedo de poderosos e levianos interesses ocultos”. (BENI, idem, pg 85)

Conclusão

A **prostituição** feminina exercida nas ruas do Setor Hoteleiro Sul de Brasília mantém convívio com os meios de hospedagem que vai além do espaço físico que os compreendem. As mulheres que fazem **ponto** de trabalho naquelas calçadas, por algumas horas da noite, tornam-se “hóspedes transitórias” daqueles estabelecimentos. Ao preencher a ficha no balcão de entrada para “subir ao quarto do cliente”, a **prostituta** estabelece contrato temporário de hospedagem. Daí a importância da apresentação dos documentos ou a manutenção da “ficha” da cliente.

A tarifa cobrada pelos hotéis é uma forma de conter o fluxo desses encontros e ao mesmo tempo despistá-los. Ou seja, de controlar esses encontros. Desconfigura-se, em princípio, a imagem de que o estabelecimento está facilitando e promovendo a **prostituição**. O cadastramento das **prostitutas** na portaria é meio de se proteger de eventuais problemas de segurança. A **prostituta**, ser estigmatizado pela sociedade, é fichada de forma a coibir qualquer possibilidade de delito. Além de questões legais, como a maioridade. Ademais, compreende-se, então, por que é exigido dessas mulheres normas de comportamento, como o uso de roupas “adequadas” para que os demais hóspedes não associem elas à **prostituição**.

Essa situação traz um conflito ético para os hotéis. A consciência de que se tarifa um encontro sexual é clara. Por sua vez, algumas mulheres revelaram que, por serem conhecidas em portarias nem precisavam mais preencher a ficha. Nesse sentido, o hotel é cúmplice do programa. A banalização desse procedimento justifica parte da convivência aparentemente pacífica entre as **prostitutas** e os meios de hospedagem em Brasília. Esse conflito ético poderia ser agravado caso a capital fosse receptor turístico forte. O trabalho de pesquisa verificou que a demanda de turistas não é a principal clientela das

prostitutas. No entanto, a **prostituição** tende a crescer com o aumento de fluxo de visitantes.

A “relação íntima” entre os meios de hospedagem e a **prostituição** se superexpõe no Setor Hoteleiro Sul com a presença de bar pesquisado, abrigado na infra-estrutura de um hotel cinco estrelas. O estabelecimento não tem, em princípio, ganhos financeiros imediatos. Mas recai no favorecimento da **prostituição** ao selecionar garotas e colocá-las em espaço privado para as negociações com o cliente. Nesse caso, a clientela das **prostitutas** é majoritariamente formada de turistas, que apenas precisam descer dos apartamentos para, em ambiente executivo, escolher a garota que mais lhe agradar. A presença desse estabelecimento tornam mais visíveis as associações entre a região de hospedagem e a **prostituição** local. Quem chega ao local e busca informações sobre **prostitutas** é logo avisado da existência e da natureza do estabelecimento. Observou-se também que alguns funcionários que atuam no hotel e nas adjacências mantêm o elo entre as **prostitutas** e os turistas. Os taxistas e os mensageiros foram os mais citados.

Sem organização representativa, as **prostitutas** de rua dessa região não estabelecem diálogo com os meios de hospedagem. Uma minoria questionou a cobrança da taxa de subida como forma de exploração e ganho indireto com a **prostituição**. O Sindicato dos Bares, Hotéis, Restaurantes e Similares tem posição clara em relação à atividade naquela região. Quer a criação de uma **zona** única, afastada dos hotéis, para a comercialização do sexo. A proposta, mesmo não se respaldando na lei, é desconhecida da maioria das profissionais do sexo daquela região.

Esse descompasso entre a representação dos meios de hospedagem e a dispersão das **prostitutas** evidencia que o convívio pacífico entre os dois grupos é aparente. A possibilidade de conflito é latente. Por conta disso, as mulheres que trabalham nos arredores dos hotéis têm normas de conduta mais

rígidas. Vestem-se mais discretamente do que as garotas da 314/315 Norte. Não cometem excessos nas ruas, como acontecem com os garotos de programa no Conic e os **travestis** no Setor Comercial Sul.

Encontrar o ponto de equilíbrio entre o desejo do cliente e a norma de conduta do hotel é o centro nervoso desse conflito. Estamos diante de um conflito que parece ser mais uma especificidade da capital: por um lado, os meios de hospedagem, no caso, os hotéis, e os locais de encontro íntimo, para prática sexual, típica, no Brasil, dos motéis. A **prostituição**, que entra nesse processo de ressignificação na sociedade, é vulnerável ao crescimento do sistema turístico. Lidar com esse universo numa perspectiva da lógica da tarificação é negar o próprio papel de agente das melhorias da comunidade local, em aspectos socioeconômicos. Essa é base e o sonho do turismo sustentável. (AMARAL, idem). Afinal, como bem pontualiza Beni:

“Quando o fenômeno turístico é conduzido em função de seus benefícios econômicos, entra em uma dinâmica especuladora que sacrifica a paisagem e a ecologia, e pode chegar a arruinar a identidade das pessoas que pertencem à comunidade autóctone. Contudo, o turismo tem seu lado nobre e positivo. Poder-se-ia afirmar que ele é um fenômeno sociológico importante e ambivalente”.

Esse trabalho tentou trazer à visibilidade algumas dessas ambivalências, que são muitas, no caso das interações entre **prostituição** e meios de hospedagem. Ainda que Brasília seja definida, sobretudo pelo **turismo de negócios**, e não pelo **turismo sexual**, é particularmente instigante que uma forte região de **prostituição** tenha se constituído em torno do Setor Hoteleiro. Por que se deu, historicamente, essa delimitação do território? Quais os desdobramentos possíveis diante de um possível crescimento de outras formas de turismo na capital federal? Como

enfrentar, teoricamente, esse cruzamento entre busca de afeto-carinho e a mercantilização; a hospitalidade e o consumo de sexo?

Essas questões só apontam o quanto esse objeto precisa ser estudado e desdobrado, sob a interessante associação entre **prostituição**, considerada no senso comum como a mais antiga das profissões, e o turismo, apontada como a indústria do futuro. Debruçar sobre esses campos de conhecimentos tão díspares justificou algumas hipóteses, mas, sobretudo, gerou outras dezenas. Por conta disso, esse é um trabalho aberto, assim como o turismo, campo em formação que se renova a cada dia.

Referências Bibliográficas

ALVES, Branca e **PITANGUY**, Jacqueline. O que é Feminismo. São Paulo. Editora Brasiliense. 1991.

AMARAL, Carmélia, Planejamento Integrado e Sustentabilidade do Turismo. Apostila de Fundamentos do Turismo do Curso de Gestão e Marketing do Turismo.

BAHIA, Associação de Prostitutas. Cartilha da Cidadania. Bahia.

BARCELAR, Afonso Jeferson. A Família da Prostituta. São Paulo. Editora Ática, 1982.

BENIN, Mario Carlos. *Análise Estrutural do Turismo*. Editora Senac. São Paulo. 2003. 8ª edição.

BRASIL, Ministério do Trabalho. Classificação Brasileira de Ocupações. Brasília. 2002

DELMANTO. C. Código Penal Comentado e Ampliado. São Paulo. Editora Renascer, 1991.

GOFFMAN, Erving. Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Perspectiva. São Paulo. 1988.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; **MILONE**, Paulo César. *Impactos Socioeconômicos Globais do Turismo. Contemporâneo*. Apostila de Fundamentos do Turismo do Curso de Gestão e Marketing em Turismo. Brasília. 2003.

MATOS, Maria Izilda S. de; **SOIHET**, Raquel. *O Corpo Feminino em Debate*. Editora Unesp. São Paulo. 2003.

MEDINA, Cremilda. O Diálogo Possível. Editora Ática. São Paulo. 1993.

MORAES, Aparecida Fonseca. As Mulheres da Vila. Editora Vozes. Petropolis. 1996.

OLIVEIRA, Émerson Ribeiro. Dicionário do Sexo e da Prostituta. Scortecci Editora. São Paulo, 2001.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. Polícia e Prostituição Feminina em Brasília – Um Estudo de Caso. Tese de Doutorado do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Setembro de 2003.

SIQUEIRA, Deis. Turismo na encruzilhada. Prelo. S. Paulo: Atlas. Apostila de Metodologia de Pesquisa do Curso de Gestão e Marketing em Turismo. Setembro de 2003.

VITULE, Maria Luiza. *Guia de Viagem – Cultura e Mundo Contemporâneo*. Unimarco Editora. São Paulo. 2003.

Anexos – Material da Aprosba e do Ministério da Saúde

Glossário

AUTÓCNE – População local formada pela comunidade estável, que vive naquela região muito antes de ser implantado o planejamento turístico.

BAIXO MERETRÍCIO – Zona de prostituição de baixa categoria, da pior qualidade. (OLIVEIRA, 2001)

BAR DE ENCONTRO – Estabelecimento que promove o encontro entre prostitutas e clientes, sem necessariamente se envolver com os lucros do programa. Ganha indiretamente com cobrança de franqueamento para entrada e consumação.

BATALHAR – Ato da prostituta de buscar um cliente para fins do encontro sexual.

COMÉRCIO DO SEXO – Designação técnica para prostituição vista como atividade de trabalho que pode, dentro do cumprimento da lei, ser exercida como outra ocupação qualquer.

CADEIA PRODUTIVA DA INDÚSTRIA DO TURISMO – ESTÁ INSERIDA DENTRO DO SISTEMA TURÍSTICO E É FORMADA PELOS PRINCIPAIS ATORES QUE ENVOLVEM TODO O TRAJETO DE VIAGEM (EMIÇÃO, DEMANDA E RECEPÇÃO).

LENOCÍNIO – CRIME CONTRA OS COSTUMES. NO CASO DA PROSTITUIÇÃO, ESTÁ PREVISTO NO CÓDIGO PENAL (ARTIGOS 227 A 229), QUE CONSISTE EM INDUÇÃO, FAVORECIMENTO, CONTROLE E EXPLORAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO.

MERETRÍCIO – Mesmo que prostituição. Relativo ou próprio da meretriz ou prostituta.

MICHÊS – Profissionais do sexo masculino que se prostituem em ruas, saunas ou por meio de classificados de jornais.

MOTEL – Estabelecimento de alta rotatividade, que não visa a hospedagem diária do turista. Tem tarifas em hora e sua principal clientela é formada por pessoas que desejam encontro sexual, independentemente de essa relação envolver dinheiro ou outros valores.

PONTO DE RUA – Local dentro da zona de prostituição, marcado pelos profissionais do sexo. Dentro de uma zona há vários pontos, onde são distribuídos os subgrupos.

PROFISSIONAL DO SEXO – Termo de caráter trabalhista dado às prostitutas, michês, travestis que vendem indistintamente o corpo.

PROGRAMA – Acerto entre pessoas de indistintas opções sexuais para o encontro, envolvendo pagamento de dinheiro ou outros valores.

PROSTITUIÇÃO – Ato de oferecer qualquer forma de prazer sexual por dinheiro ou qualquer valor regularmente a indistintos parceiros.

PROSTITUTA – Mulher que oferece sexo em troca de dinheiro ou outro valor. O termo é carregado de estigmas, como Mulher-pública, rameira, desclassificada, puta, meretriz.

QUENGAS – TERMO PEJORATIVO PARA A PROFISSIONAL DO SEXO. ORIGEM NORDESTINA QUER DIZER PUTA, MULHER DA ZONA, MERETRIZ, FUBANA.

RUFIANISMO – ATO DE AGENCIAR E CONTROLAR PROFISSIONAIS DO SEXO, PROVIDENCIANDO DESDE OS PROGRAMAS ATÉ O LOCAL DO ENCONTRO. O LUCRO DA ATIVIDADE VEM DA CONSUMAÇÃO DO SEXO. NO BRASIL, É CRIME.

TRAVESTIS – Homens que alteram a morfologia anatômica do corpo para se parecer com mulher, não se submetem a cirurgia de troca de órgão genital.

TURISMO DE NEGÓCIOS - Deslocamento de executivos (homens e mulheres de negócios), portanto turistas potenciais, que afluem de grandes centros empresariais e cosmopolitas a fim de efetuar transações e atividades profissionais, comerciais e industriais, empregando seu tempo livre no consumo de recreação e entretenimento típicos desses grandes centros. (BENI, idem)

TURISMO SEXUAL – Turismo motivado pela realização de encontro sexual planejado desde o momento da efetivação da viagem. Envolve, além da demanda, a cidade receptora, que tem rede para agenciar homens e mulheres. (BENI, ibidem)

ZONA DE PROSTITUIÇÃO – Área territorial onde se exerce a prostituição. Local onde residem marafonas, lugar de má nota, região onde se acha estabelecido o meretrício.(OLIVEIRA, idem)